

INTRODUÇÃO

A presente comunicação trata de aspectos da recepção do espetáculo futebolístico levando em consideração o comportamento dos torcedores durante a apresentação deste espetáculo e, ainda, sua relação com o evento mesmo quando as partidas não estejam acontecendo.

É difícil não se espantar como o futebol tornou-se no último século uma das manifestações culturais que mais atrai multidões. Falar de uma platéia de futebol, hoje, se pensarmos em termos de campeonatos nacionais ou estaduais, significa falar quase sempre em milhares de espectadores, muitas das vezes, em dezenas de milhares. Se considerarmos ainda o público indireto que apesar de não estar no estádio onde se realiza a partida, assiste ou escuta o jogo através das transmissões por televisão, rádio ou, mais recentemente, internet, ultrapassaremos, sem dúvida, a marca dos milhões.

Nas últimas décadas, áreas de conhecimento como a sociologia e a antropologia, além das áreas de educação, administração, comunicação e artes têm se dedicado ao estudo do futebol. Um dos pontos recorrentes nestes estudos, sobretudo em estudos realizados por antropólogos e sociólogos é o convite à sociedade, sobretudo os intelectuais, a se repensar a visão alimentada por décadas de que o futebol é uma manifestação alienante e se presta a manobras da sociedade civil. Ainda que, segundo o antropólogo brasileiro Roberto DaMatta (2006: 136) o esporte bretão é originalmente recebido no Brasil como uma tentativa de modernizar a sociedade brasileira tão logo a república é proclamada, em pouco tempo o esporte vai espalhando-se pelos mais variados recônditos da nossa sociedade, rompendo barreiras e abrindo espaços antes proibidos a pobres e negros.

Creio que é por possibilitar essa dialética de individualização e coletivização, que o futebol permite no caso brasileiro, o importante conflito entre “destino” impessoal e vontade individual. Sendo assim, são muitos os jogos de futebol que, no Brasil permitem sua “leitura” enquanto paradigmas de um combate entre as forças coletivas e impessoais (do destino) e as vontades individuais que buscam escapar do ciclo da derrota e da pobreza. (DAMATTA, 1982: 27)

Apesar de ser popularmente considerado paixão nacional do brasileiro, o futebol gera comoção em muitos outros países. Nos diferentes continentes, nas mais distintas faixas de desenvolvimento econômico como grandes potências européias ou pobres nações africanas podem-se encontrar semelhante dedicação e atenção a este evento que mais que um esporte, tornou-se, em todo mundo, uma atividade cultural.

O futebol como uma manifestação cultural popular

Acabado o jogo, não havia casca de laranja, pedaço de pau, pedrinha no meio da rua que não levasse um chute. Aí estava a razão da popularidade do futebol: a vocação de todo mundo para ele. Vocação que se revelava à primeira vista, como o amor.

(Mário Filho, 2003: 50)

Ao pensarmos em futebol parece que há nele um apelo popular que remota sua origem. O que se vê, porém através de estudos históricos do futebol no Brasil é que ele chega como uma prática elitista, executado e apreciado, no final do século XIX apenas pela branca burguesia brasileira, sobretudo paulista e carioca. Com o sucesso do esporte nestas camadas sociais a demanda pela prática do futebol acaba por criar mais vagas nos clubes que se multiplicavam pelas capitais. Assim, além dos filhos universitários dos donos de fábricas, geralmente sócios desses clubes, começam a entrar em campo, primeiro mestres e em seguida operários dessas fábricas. A princípio operários brancos apenas e em seguida, os negros que aos poucos foram se destacando neste ofício.

A apreciação do esporte se espalha, então, pelas camadas populares, principalmente entre os membros do recém constituído proletariado brasileiro. Surge então a divisão dos estádios, um espaço de apreciação com distinção social. Nas gerais, os operários, muitos negros. Nas arquibancadas, as famílias dos jogadores. Belas moças com seus chapéus floridos; uma elite branca que aos poucos trocava a apreciação das regatas – então esporte da burguesia – pelo encantamento daqueles vinte e dois homens em campo buscando colocar a única bola disponível no jogo, na rede do adversário.

O que nos interessa neste brevíssimo histórico do futebol é compreender o momento em que, segundo Mário Filho, o futebol deixa de ser apenas um esporte e passa a ser um evento cultural. É quando o futebol deixa de dizer respeito apenas com os envolvidos no jogo (sócios, jogadores e árbitros) e passa a ter como principal referência o espectador: “O tempo do futebol divertimento para o jogador passara. O jogador não ia para o campo se divertir, quem ia para o campo se divertir era o torcedor.” (FILHO, 2003: 112). Para o jornalista a rapidez com que o brasileiro se apoderou do esporte inglês está intimamente ligada à aproximação das classes pobres, dos negros e operários com o futebol. É a subjetividade do brasileiro transformando o futebol e este transformando e remodelando esta mesma sociedade.

Uma apreciação para além da partida

A relação entre a prática e a apreciação do futebol é íntima e possui um caráter de troca constante. Se o espectador baseia sua euforia e confiança na performance do jogador, quer seja na sua habilidade pessoal ou na sua atuação em equipe – o resultado é sempre coletivo – é no retorno que vem do público que se aloja a possibilidade de sucesso ou fracasso de determinados eventos futebolísticos. Mais do que no resultado das partidas ou na posição que ocupa no campeonato, é na relação de fidelidade com a torcida que o clube se fortalece. Basta observar que tradicionalmente um torcedor não deixa de torcer pelo seu time, mesmo que seu desempenho não seja o esperado.

O que chama atenção na relação dos espectadores com o futebol, é que ela se estabelece não apenas com o evento pontual a quem chamamos partida. Em muitas das vezes a partida torna-se um dos elementos que constituem o fenômeno. Num campeonato nacional ou internacional, como na caso da Copa do Mundo, cada partida parece redirecionar o sentimento - nunca a torcida – do espectador, deixando com ele diferentes sensações e expectativas até que aconteça o próximo encontro de times.

Nos estudos recentes da estética, encontramos inúmeras considerações ao aspecto performativo da recepção. Monclar Valverde nos lembra que:

O grande mérito de Pareyson e da estética ligada a ele, principalmente a esboçada por seu aluno mais famoso, Umberto Eco – foi a de mostrar que a recepção estética é uma forma de atividade: uma ação de leitura, interpretação e avaliação. A partir daí, tornou-se fundamental para a investigação estética a compreensão da dimensão performativa da recepção. (VALVERDE, 2007: 135)

E sobre o que estamos falando quando tratamos de recepção do espetáculo futebolístico senão disso? O torcedor que age, não apenas metaforicamente, mas age de fato, nas partidas, no dia-a-dia do clube, nas rodas de conversa nos bares ou em qualquer outro espaço onde se agrupem mais de duas pessoas. A relação dos clubes com suas torcidas, organizadas ou avulsas, é definidora de muitos rumos tomados por sua direção. O torcedor ajuda o técnico a definir a equipe, cobra dos dirigentes posturas e decisões, interfere nas transmissões das grandes redes de TV e rádio, ainda que se diga o contrário. Quem, senão o torcedor da FIEL¹ é responsável pelo fato de a Rede Globo de Televisão transmitir jogos da segunda divisão em horário nobre como domingo às 16h?

O jornalista esportivo Juca Kfourri em entrevista a Marcos Gomes e Paulo César Carrano publicada no livro Futebol: Paixão e política, com organização de Carrano, ataca:

Só quem não tem a menor sensibilidade é capaz de dizer que a platéia do futebol é uma platéia de passivos. Porque ninguém me convence de que eu não fiz com Basílio aquele gol que libertou o Corinthians de vinte e dois anos sem Título; ninguém me convence de que não subi com Pelé na cabeçada que deu o primeiro gol contra a Itália na copa de 70. (KFOURI, 2000:61)

¹ Gaviões da Fiel – torcida organizada oficial do Time do Corinthians, tradicional time paulista rebaixado para a série B do campeonato Brasileiro de 2008.

O estudo desta recepção é tão desafiador quanto sedutor. Escolher caminhos de análises, recortar objetos de estudos são tarefas das mais difíceis, dada a dificuldade de se falar de algum elemento do futebol sem levar em consideração os demais aspectos envolvidos na sua realização. O que nos mantém nesta linha de pesquisa é a compreensão de que um evento gerador de tamanha comoção popular e passível de envolver diferentes segmentos da sociedade, gerando cifras incalculáveis, transformando o imaginário de gerações de jovens, levando multidões aos estádios para uma vivência coletiva, só pode ser algo de extremo valor cultural, social e, sobretudo, estético, não devendo assim, ser considerado apenas mais um esporte.

BIBLIOGRAFIA

CARRANO, Paulo César R. de (org). **Futebol: paixão e política**. – Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

DAMATTA, Roberto. **A Bola Corre Mais que os Homens: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol** – Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

DA MATTA, Roberto (org.). **Universo do Futebol**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DESGRANGES, Flávio. **A Pedagogia do espectador** – São Paulo: Hucitec, 2003.

FILHO, Mário. **O Negro no Futebol Brasileiro**. 4ª edição – Rio de Janeiro: Mauad, 2003

MACHADO, Murilo d’Almeida. **O êxtase no futebol: a comunicação ritual e suas experiências sensoriais**. 2005. Tese (doutorado) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas.

VALVERDE, Monclar. **Estética da comunicação – sentido, forma e valor nas cenas da cultura**. – Salvador: Quarteto, 2007.